

EM LIVRO QUE LANÇA
HOJE NA PLATÔ
LIVRARIA, O
PSICANALISTA
CHRISTIAN DUNKER
REFLETE SOBRE AS
PERSPECTIVAS
HISTÓRICAS E
FILOSÓFICAS EM
RELAÇÃO AO QUE
SIGNIFICA AMAR

O PREÇO do AMOR

» NAHIMA MACIEL

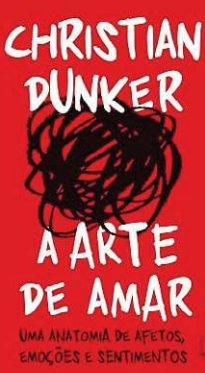
s humanos do século 21
querem amar, mas não
querem pagar o preço que
vem com esse sentimento.

Há risco no amor, de todo tipo, lem-
bra o psicanalista Christian Dunker,
que desembarca hoje em Brasília
para lançar *A arte de amar* e *O estilo
de Lacan* na Platô Livraria, às 18h.
Tema inesgotável e fonte dos maio-
res sofrimentos e alegrias da tragé-
dia humana, o amor motivou o autor
a investigar, a partir de uma perspec-
tiva psicanalítica, as dimensões filo-
sóficas e históricas do amor.

E no livro dedicado a Lacan,
Dunker mergulha em pesquisa na
qual procura compreender por que
o psicanalista, tão francês e tão an-
corado em referências estranhas à
sociedade brasileira, encontrou tan-
ta receptividade no Brasil.

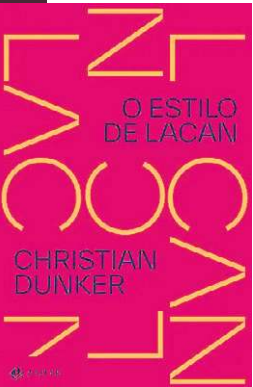
Professor no Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo (USP),
ganhador do Prêmio Jabuti por Estru-
tura e Constituição da Clínica Psica-
náltica e referência na área, Dunker
é também o psicanalista mais pop do
Brasil. À frente do podcast *Falando
nisso*, trata de temas do cotidiano pe-
lo viés psicanalítico, sempre em diá-
logo com algum convidado. Com Tati
Bernardi dividiu o podcast *Desculpa o
Transtorno*, no qual a dupla destrincha
temas de saúde mental com uma abor-
dagem pautada pelo humor.

Aos 59 anos, autor de livros como
O palhaço e o *psicanalista*, *Lutos fini-
tos e infinitos* e *Reinvenção da intimi-
dade*, Dunker embarcou em um proje-
to pessoal de democratizar um pouco
mais a psicanálise. Os podcasts fazem
parte desse percurso, assim como os
livros e o bate-papo que protagoniza
hoje com os leitores. O momento po-
de ser o adequado, já que esse tipo de
conteúdo ganhou popularidade nos
apps de música, fenômeno que se de-
ve, em parte, segundo Dunker, aos
acontecimentos políticos recentes en-
frentados pelo Brasil. Em entrevista, o
psicanalista fala sobre o amor e a pes-
quisa que resultou no livro.



A ARTE DE AMAR: UMA ANATOMIA DOS AFETOS, EMOÇÕES E SENTIMENTOS

De Christian Dunker.
Record, 224 páginas.
R\$ 34,90



O ESTILO DE LACAN

De Christian
Dunker. Zahar, 216
páginas. R\$ 53,20.
Lançamento na
Platô Livraria (CLS
405, Bl A, Lj 12),
hoje, às 18h

O que motivou a escrita de A arte do amor?

Essa ideia de que o amor dá um cer-
to trabalho, exige alguma técnica, mas é
criação, no fundo. Falar do amor sem ser
prescritivo. Sem ser aconselhador, mas
tentar descrever, fazer uma anatomia des-
se afeto, desse sentimento. E aí tem algu-
mas encruzilhadas mais ou menos clássi-
cas a enfrentar. O problema da escolha e o
problema da vida comum, basicamente.

Um dos temas que você trata é o amor romântico. Por que esse tema?

O livro tem essa dimensão meio
histórica, meio filosófica, de falar da ori-
gem do romance romântico. Muita gen-
te questiona: “Por favor, romântico, uma
praga patriarcal, é um problema”. E eu ten-
to defender um pouco que é meio injusto
com o amor no sentido da forma romance
porque ele ainda é bastante atual na me-
dida que nos ensina a amar. No fundo, as
pessoas que reclamam do romance ro-
mântico é porque acham que foram for-
madas numa forma de amor que não en-
contram na realidade, na experiência co-
tidiana. Nenhum amor que seja segmento
de uma narrativa, um encaixe num filme
que já foi filmado, vai ser um amor inter-
essante. Uma tese forte do livro é que a
gente procura, ambiciona, sonha, mui-
tas pessoas até se alienam na perspectiva
de um grande amor, porque é um mode-
lo ainda vigente de uma grande transfor-
mação. A gente também vira outra pes-
soa, às vezes, uma pessoa pior.

E por que o amor sempre envolve a ideia de sofrimento?

Acho que é bem associado ao so-
frimento porque, bom, desde que a ge-
nte inventou uma forma moderna de amar,
a gente associa o amor com o conflito. Os
grandes romances são obstáculos, o gran-
de amor são travessias de grandes con-
flitos. E, em segundo lugar, porque a gente
aumenta as nossas expectativas de au-
tonomia e de independência e o amor é
uma prova dramática contra isso, quer
dizer, quando a gente ama, a ge-
nte se ajoelha. Não quer dizer que a gente
precisa amar passivamente ou dependen-
temente, mas você pode ser autônomo o
quanto quiser, independente o quanto
ligue, querendo que o outro faça, decep-
cionado porque o outro, enfim, não fez.

E qual a consequência disso?

Estamos caminhando para a ideia de
que o amor é uma experiência cada vez
mais rara, porque ela é um pouco ana-
crônica, um pouco dissonante com uma

forma de vida onde tanto a sensualidade
quanto o amor, fazendo aí uma junção,
são um atrapalho. Como eu falo: “Olha,
se eu ficar apaixonado, eu não vou passar
no concurso, eu não vou tirar boa nota na
prova, vai atrapalhar minha produtivi-
dade”. E isso é assim, de verdade. Ambicio-
namos tanto e queremos pagar tão pouco.

O que é o amor para as gerações nascidas no século 21, criadas com as redes sociais em um nível extremo de individualização?

O amor é um problema para o nosso
processo de individualização. E como é
que você vai se abrir para o amor? Se vo-
cê se realizou perfeitamente como um in-
divíduo? É uma contradição. Mas eu acho
que o problema chave aí não é bem isso,
é o fato de que, para a gente estar à altura
da nossa época, a gente precisa inventar
outras formas de amar. Inventar outras
narrativas, outras formas literárias, filmes,
teatro. E isso é complicado, porque vive-
mos em um tempo em que a gente acha
que vai acelerar as coisas, o começo de re-
lações, assim como o fim, que a gente po-
de, enfim, tornar mais práticas as coisas
do amor. O amor não é uma coisa prática,
é uma coisa não prática. E isso, eu tô en-
fatizando, é aquele custo subjetivo que a
gente não quer pagar. A gente reluta em
pagar, a gente imagina que tem um jeito
de usufruir do amor sem colocar o coelho
dentro da cartola. Não. O coelho vai sair
de dentro da cartola.

E você acha que a coragem para amar está diminuindo?

Sim. Uma das moralidades mais fortes
da nossa época é aquela que vai dizer as-
sim: “Olha, eu não sei direito o que é o
certo, o que é o errado, uma boa forma
de vida, o que é que é um bom amor.
Mas eu sei que risco, não. Risco tribu-
tário, risco de saúde, risco subjetivo,
não”. Porque é, no fundo, um valor va-
lor negativo. É uma sociedade cada vez
mais avessa a começar o risco. E é um
elemento importante, né? Estamos incor-
porando a nossa experiência.

E a inteligência artificial? Depois da terapia com ChatGPT, como fica o amor com a IA?

Quando as pessoas dizem: “Ah, eu pre-
ciso confiar, preciso ter empatia, eu fico
com a IA, tô numa relação intensa”, são
variantes controladas. É amor. Erotismo,
não. A IA oferece um tipo de amor, vamos
dizer assim, barato. É aquele amor que
não pergunta, que está sempre disponí-
vel, que reafirma, que diz “você é legal” o
tempo todo. É um amor que mostra que,

se você está presente, já valeu. Um amor
que tem uma certa atração narcisista, mas
é difícil que ele crie, de fato, um processo
transformativo. É mais um suporte para
restaurar certas avarias que as histórias
amorosas vão deixando. Certas seque-
las, inseguranças. A gente precisa de al-
gum acalanto, de algum estímulo, de al-
gum encorajamento e isso, a IA dá. Mas,
até agora, a gente não tem o que poderia
chamar de uma segunda fase desse amor.

O que você acha dos aplicativos de encontros?

Eu sou totalmente a favor. Aliás, in-
centivo. Foi uma revolução para a tercei-
ra idade, para pessoas mais velhas, quan-
do se sabe usar. É um pouco como o pri-
meiro eletrodoméstico, que foi o vibra-
dor. Não foi geladeira, não foi o fogão, foi
o vibrador. Que era um negócio para acal-
mar as mulheres nervosas na década de
1920. Aplicativo é a mesma coisa. Tem lá
o instrumento, mas não funciona na base
da fantasia. Se você se oferece como um
pedaço de carne, vai atrair um cardume.
Tem que saber usar bem.

Por que os podcasts de psicanálise estão fazendo tanto sucesso?

Boa pergunta, acho que tem a ver
com uma espécie de tempestade, en-
tre vários elementos. Tem, de um lado,
uma espécie de esgotamento do mode-
lo que a gente, durante os últimos 30,
40 anos, foi estabelecendo sobre saú-
de mental, de que saúde mental co-
meça com diagnóstico, depressão, an-
siedade, é uma doença que dá no seu
cérebro, você não tem serotonina, en-
tão você toma, isso vai melhorar. De-
pois de 30 anos, temos uma população
inteira tomando remédio. E não tenho
nada contra antidepressivos. Mas essas
questões continuam. Demora um tem-
po para a gente chegar nisso e dizer “eu
quero mais”. Eu quero saúde mental de
mais qualidade, missões mais comple-
xas. Então está ligado às questões inter-
nas da saúde mental, com questões liga-
das ao mundo do trabalho, ao neolibe-
ralismo, às formas de vida que a gente
tem, que também são aceleradas, muito
impressoalantes, baseadas no estímulo-
resposta, na demanda. As pessoas es-
tão precisando e querendo aumentar a
densidade subjetiva em suas vidas. E a
psicanálise não é percebida como uma
técnica de cura. Ela é, dentro das psico-
terapias, um discurso social. E isso teve
que ver com a covid, teve que ver com o
Bolsonaro, isso teve que ver com vários
elementos. A psicanálise tem uma teo-
ria social, uma inflexão política.